



Afetividade: Uma discussão histórica e epistemológica

Rosa Elzira Rodrigues Cavalcante Freitas¹; Joelson Rodrigues Miguel²

Resumo: A afetividade tem se constituído em assunto bastante debatido no meio educacional, já que pressupõe-se que o vínculo afetivo na relação educando e educador, exerce grande influência no desenvolvimento cognitivo do discente. Torna-se importante pois, uma maior compreensão histórica e epistemológica sobre esta terminologia, de forma a que possamos apreender melhor seus significados e contribuições para a aprendizagem, principalmente nas séries iniciais. É preciso que sejam desenvolvidas políticas públicas que dêem maior ênfase a conteúdos e atividades que levem em conta a afetividade. Este é, sem dúvida, um recurso interno que ajuda o aluno em seu desempenho relacional, nas diversas atividades escolares.

Palavras-chave: Afetividade, Epistemologia, Aprendizagem.

Affectivity: A historical and epistemological discussion

Abstract: The affectivity has been constituted in a much debated subject in the educational environment, since it is assumed that the affective bond in the relation educando and educator, exerts great influence in the cognitive development of the student. Thus, a greater historical and epistemological understanding of this terminology is important, so that we can better understand its meanings and contributions to learning, especially in the initial grades. It is necessary to develop public policies that give greater emphasis to content and activities that take affectivity into account. This is undoubtedly an internal resource that helps the student in his relational performance in the various school activities.

Keywords: Affectivity, Epistemology, Learning.

Introdução

Afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto. Designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. Em sua etimologia segundo Meneghetti (2004, p. 18) vem do “Latim *afficere*, *affectum*, produzir impressão. Composto da partícula *ad* = em, para; e *facere* = fazer, operar, agir, produzir. Afetividade, afecção, onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga”.

¹ Graduação em Pedagogia Plena pela Faculdade De Filosofia Dom Aureliano Matos, Brasil. Professora da Prefeitura Municipal de Morada Nova. Mestrado em Educação pela Florida Christian University.

² Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción, Paraguai. Orientador do Mestrado em Educação da Florida Christian University, Estados Unidos. joelsonmiguel@hotmail.com

Contribuindo para tal entendimento, Leite (2014) nos discorre que:

A afetividade é parte integrante e constituinte de todo desenvolvimento humano. Não se trata de um anexo ou de um aspecto extra que pode ser positivo ou negativo: trata-se, primordialmente, de uma dimensão intrínseca ao homem em toda e qualquer atividade que ele vivencie (LEITE, 2014, p. 110).

Na psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). Para Almeida e Mahoney (2004) a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a totalidades agradáveis ou desagradáveis. Através de seu convívio e dinâmica social com outros indivíduos no meio em que vive. Influenciando por esses fenômenos no caráter de um ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo, tendo assim um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem.

O ser humano é o único dos animais com inteligência suficiente para discernir suas emoções e com isso, a afetividade consente ao mesmo explicar seus anseios e sentimentos a outro indivíduo, a outro ser vivo ou mesmo até aos objetos. Essa afetividade de certa forma cria um envolvimento entre as pessoas, independentes dos sujeitos, mesmo em relação à cor, sexo ou etnia, pois existe entre eles o afeto, a aproximação por meio do amor, pela amizade ou mesmo pela confiabilidade entre ambos, ao qual Stach-Haertel (2017, p. 16) nos recorda que “tanto o afeto quanto a afetividade, [...] potencializam a influência das referências morais mediadas por aqueles que interagem conosco no território específico das relações interpessoais significativas.”

À medida que nos aprofundamos nesta discussão, podemos observar que a afetividade é uma temática histórica e não contemporânea, sendo discutida nos séculos XVII e XVIII, tornando-se importante as reflexões dos teóricos que abordaram essa temática, destacando-se desta forma outros autores, que vem nos trazer uma percepção da formação enquanto aprendizagem afetiva e construção do conhecimento, nos remetendo a conectividade entre razão/emoção durante a primeira idade através da assimilação do cérebro, que de acordo com Comenius (2002):

Cérebro na idade infantil como úmido, tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhes é ensinado. No cérebro do homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade (COMENIUS, 2002, p. 36).

De acordo com o autor para que o homem enquanto ser racional venha a ser realmente homem, o mesmo deve ser capacitado de conhecimento e informação, de valores religiosos, éticos e morais, de modo a vivenciar no presente de forma horada, construindo um futuro digno, neste sentido Arantes (2013, p. 23) ressalta que, “a conduta humana deve respeitar normas implícitas no convívio ou explícitas em manuais, códigos ou na lei, por exemplo”. Certo de que todo homem deve estar capacitado de conhecimentos fundamentais que leve o mesmo a compreender e entender de forma correta mediante qualquer situação que ele venha a passar, possibilitando a ele a consciência de fazer juízo daquilo que está em sua volta, sendo esta uma das razões que o torna homem racional, ao qual só se é obtido por meio da educação.

Mediante esses aspectos, Comenius (2002) propõe uma educação escolar na qual:

- I. Toda a juventude nela seja educada (exceto aqueles aos quais Deus negou inteligência).
- II. Seja educada em todas as coisas que podem tornar o homem sábio, honesto e piedoso.
- III. Essa formação, que é a preparação para a vida, seja concluída antes da vida adulta.
- IV. E seja tal que se desenvolva sem severidade e sem pancadas, sem nenhuma coarctação, com a máxima delicadeza e suavidade, quase de modo espontâneo (assim como um corpo vivo aumenta lentamente sua estatura, sem que seja preciso esticar e distender seus membros, visto que, alimentado com prudência, assistido e exercitado, o corpo, quase sem aperceber-se, adquire altura e robidez); da mesma forma, os alimentos, os nutrimentos, os exercícios se convertem no espírito em sabedoria, virtude e piedade. (COMENIUS, 2002, p.109).

Conforme consta, a escola preconizava de alguns princípios essenciais ao qual já era necessário em sua reforma pedagógica de trabalhar a superfície do homem como nova prática de aprendizado no sentido da capacidade de aprender todas as coisas. Ao qual Incontri (2008), que a ética deve ser conduzida por estímulos e valorização do homem, perfazendo a dignidade, respeito e honestidade. Relata também que há exceções, pois, a sociedade possui monstros humanos que necessitam aprender sobre a vida e o respeito como orientação máxima e limitadora a estas pessoas. Seguindo a visão comeniana, Lopes (2003, p. 93) afirma que, naquele contexto da história, se aconselhava a necessidade de mudança da instituição escolar; ele criticava a maneira como ela estava funcionando. A seu ver a escola era fastidiosa, ríspida e a disciplina exercida a pancadas.

Neste contexto, pode-se observar que o autor relata uma escola severa, rígida e com conceitos sobre a educação bastante rudimentar, onde se aplicava normas e regras, as quais deveriam ser cumpridas à risca, Escola está ao qual Prado (2013, p. 35) contestar ao lembra que

“ao chegar à escola, a criança, não vai apenas aprender conteúdos e disciplinas. Vai também, vivenciar novas experiências, conviver com outras crianças e adultos e estabelecer novas relações afetivas, fora do contexto familiar” compreendendo-se assim, que a escola é muito mais que um local de ensino, ela é um local de crescimento pessoal por meio das vivências.

Ainda o referido autor Lopes (2003) complementa:

O homem, ainda que a corrupção procure cegar-lhe o entendimento, jamais pode extinguir de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Assim sendo, depende de nos reavivar a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso está ao nosso alcance. (LOPES, 2003, p. 98).

O homem recebe ou recebeu a educação, a sabedoria, o conhecimento, a base elementar para distinguir o certo do errado, ao cometer o delito, não lhe salva, caso tenha pouca instrução ou não conhecimento das leis, das normas e regras. Está ele, incumbido de prestar esclarecimentos sobre seus erros, pois a educação essencial lhe foi dada, possibilitando de acordo com Garcia (2014), que apenas através da sabedoria, o homem poderia julgar as coisas pelo valor justo, apontando por meio da visão comeniana a necessidade de o homem poder interiorizar os valores morais, por intermédio do professor. Corroborando com este pensamento Lopes (2003) explica:

Por meio de uma concepção comeniana, que o profissional professor detém as características necessárias por ser uma pessoa dotada de conhecimentos e integridade moral e ético, voltado ao ensino e ao pressuposto sobre a vida, a moral e educação. (LOPES, 2003, p. 115).

O papel do professor se torna evidente quando o mesmo se vê atentado ao poder de ser o chefe na sala de aula, onde há na concepção das pessoas que o professor teria a capacidade de se elevar por razões própria, sendo-lhe conivente em tempos remotos a disciplinação do aluno por meio da palmatória, cipó, chinelo, cinturão e até mesmo palavras grosseiras e rudimentares ao aluno, pondo-os ao castigo intenso na sala de aula e ao constrangimento diante dos colegas de sala. Da mesma forma de Incontri (2008), já em meio século XVII, relatava que a educação precisava de professores voltados ao papel de ensinar e não de espancar os alunos.

Já no século XVIII, Rousseau (2004) condiz sobre o comportamento e ações em que tais atitudes os profissionais da educação precisariam ter, junto aos seus alunos:

O ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o aluno: O aluno deve, sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que

quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 2004, p.23-24).

Ao se medir o grau de satisfação do sucesso da educação, por meio do respeito e estimação que os alunos detêm em relação ao seu professor. O carinho vindo dos alunos, permite um equilíbrio maior e influencia na participação de todos os alunos em sala de aula, perfazendo desta forma a certeza de que o professor contribui para esta motivação e bem querer dos alunos. Pois, sabe-se que no processo de formação da criança objetiva-se trabalhar não apenas o cognitivo, mas o coração, o juízo e o espírito.

Para Rousseau (2004), o professor não deve criar dificuldades ou mesmo sobrecarregar os alunos com atividades complexas, para simplesmente mostrar o quanto ele é rigoroso ou mal-humorado e rude. No entanto, exercendo seu papel educacional deve se inserir no meio dos alunos, participando das atividades, criando meios de realizar as atividades no sentido de buscar sempre agradar e abrir a curiosidade dos alunos, permitindo os mesmos sentirem-se confortáveis e que venham à escola com entusiasmo de participar das aulas e desenvolvendo seu interesse pelo o aprendizado.

Segundo Cerisara (1999), relata que a infância é um período indispensável ao desenvolvimento do homem. Pois se precisa verificar minuciosamente o aluno antes mesmo de influir sobre ele quaisquer dominações e não procurar coligir sobre o mesmo qualquer tipo de aborrecimento. Sendo esta, uma etapa de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, há de se averiguar a importância da educação que sobressai nesse primeiro momento, bem como, considerar as intervenções e diferenças do aspecto emocional e temperamento do aluno.

Conforme Cerisara (1999) fala sobre a observação como instrumento imprescindível para as tarefas do professor o conhecimento das características de seu aluno. Incluindo como intenção a educação, a idade e o caráter ao tempo em que o professor deverá saber sobre as particularidades determinantes e de modo geral da infância e de cada criança.

Assim o referido autor expressa:

Como a proposta da educação rousseauiana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano (CERISARA, 1999, p.108).

Assim, como ressalta Cerisara (1999) o respeito e o direito mútuo a que a criança requer são elencados na busca da igualdade, pois errar é humano, continuar no erro é que se cria o grande problema social e há de existir a reparação como garantia de que as pessoas possam mudar e mudar suas atitudes na intenção de juntar a paz ao meio em que vive, mesmo sofrendo influências externas, mais é preciso que a educação seja o alcance positivo na vida desta criança.

Ainda acordando com Cerisara (1999) verifica-se que a educação estimada por ele, deverá prover em um ambiente as formas necessárias para se construir um novo indivíduo e que este possa prevalecer nesta sociedade, como ser humano digno e apto a encerrar toda a realidade da vida lá fora. Bem como, aplicar o conhecimento, a razão, a emoção e ainda se autoconhecendo e aos seus semelhantes. Há, portanto, o acompanhamento dos pais, do professor nesse momento de crescimento, visto que a criança ainda não pode assumir suas obrigações diante da sociedade, perfazendo assim a figura do adulto nesta transformação.

Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem

A afetividade encoraja o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos, por meio dela, as pessoas conseguem criar laços de amizade entre elas e até mesmo com animais irracionais, isto porque os animais também são capazes de demonstrar afetividade uns com os outros e com os seres humanos.

As relações e laços criados pela afetividade não são baseados somente em sentimentos, mas também em atitudes. Isso significa que em um relacionamento existem várias atitudes que precisam ser cultivadas para que o relacionamento prospere.

A afetividade determinará o tipo de relacionamento entre o professor e aluno, o que terá um grande impacto na forma como o aluno adquire novos conhecimentos.

Sustentando este pensamento Santos, Junqueira e Silva (2016), afirmam que:

[...] a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho (SANTOS; JUNQUEIRA, SILVA, 2016, p. 86).

Durante muitos anos, o aspecto cognitivo tem sido o principal alvo da atenção, e a evolução da área afetiva é frequentemente esquecida, o que impede o aluno de atingir o seu máximo potencial.

A sensibilização em conjunto com a afetividade diante do processo de educar e construir um novo conhecimento nos permite identificar o quanto esse indivíduo é influenciado no aspecto da sensibilização entre o aluno e o professor junto à metodologia de ensino-aprendizagem. Segundo Cury (2008) para realização do ensino-aprendizagem:

É necessário se fazer aceitar que se é capaz para se conseguir fazer. Cabe a nós educadores estimularmos a capacidade em nossos alunos, fazer despertar a criticidade e o gosto pelas descobertas, pelo aprendizado. Mas, muitas vezes, por um desequilíbrio nesta ação, se tem visto alunos desmotivados, assustados, bloqueados e revoltados com a escola, e, conseqüentemente com dificuldades para conseguir construir seu próprio conhecimento. Faz-se necessário transformar medo em confiança e frieza em compreensão e entrar em uma condição tanto de aceitação do processo de ensino-aprendizagem, quanto de facilitação da construção do conhecimento para se conseguir resultados satisfatórios (CURY, 2008, p. 39).

Essa capacidade de transformar partirá do professor, pois o mesmo está ali para servir de exemplo aos seus alunos, motivando-os, dando-lhes confiança e colocando-os a realizarem as atividades na sala de aula de forma que todos possam participar construindo com eles um novo aprender:

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento (VYGOTSKY, 1994, p. 117-119).

Segundo Cury (2008) o professor precisa mostrar-se tolerante e compreensivo, além de ser motivador e traçar metas, numa forma interativa junto com os alunos para que eles possam construir essa interação e priorizar as atividades que irão fazer mediante as metas traçadas a serem alcançadas, dando-lhes a confiança e capacidade de que, mesmo errando, eles podem continuar sua trajetória corrigindo os erros e alcançando os resultados esperados. O professor deve sempre reforçar os pontos positivos que o aluno possui, pois desta forma estará influenciando diretamente no bem-estar do aluno, provocando assim a sua eficácia e eficiência nas atividades a serem realizadas, persuadindo suas mentes a trabalhar na busca de acertos e correções.

Contribuindo para com este pensamento, Santos, Junqueira e Silva (2016, p. 87), acreditam que “o ato de ensinar é resultado de uma prática pedagógica relacional, por isso envolve a afetividade dos educandos e dos profissionais que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem”.

A afetividade é um trabalho a ser realizado continuamente, pois permite que no processo de ensino-aprendizagem se consiga manter os alunos ativos aos objetivos que se pretende alcançar, tornando-os críticos em seus pensamentos, dando-lhes mais confiança para que possam construir e desenvolver seus conhecimentos, assim, o professor estará sempre próximo dele, evitando que o mesmo se sinta inseguro nas suas tomadas de decisões. De acordo com Paiva (2010), a afetividade desempenha uma ampla interferência no processo de ensino sob o olhar da psicopedagogia, a qual se preocupa com a educação significativa, através da utilização de estratégias pelo professor, que estejam conectadas a afetividade, almejando estimular a evolução intelectual e a autossuficiência do aluno.

No processo de formação do aluno, há muitos descasos, pois ao se jogar o conteúdo para o mesmo, os professores esquecem-se de trabalhar a formação do desenvolvimento de suas habilidades, não identificam as características desses alunos, não trabalham a socialização e as descobertas do saber, permitindo às mesmas novas formas de compreender, de criticar, e da sua capacidade de interagir com o mundo externo, consentindo assim a sua autonomia de vida.

Por meio do qual Santos, Junqueira e Silva (2016) nos recordam que, o processo de construção do conhecimento humano não acontece de forma individual, mais sim por meio das relações coletivas do homem, marcados pelos diversos encontros e desencontros sociais e culturais que acontecem dentro de nossas escolas, onde o aluno passa a ser visto e entendido como ser único, porém com necessidades afetivas que vem a se completar por meio do convívio com o outro, por meio de atos afetuosos, amorosos, ou seja por meio do amor.

Dentro desse mesmo conceito proposto pelos referidos autores citados, que evidencia à construção das relações sócios afetivas, e suas implicações a partir do contexto que o ser humano está inserido e principalmente no contexto do âmbito escolar ratificamos na fala de Chalita (2003) proposições imprescindíveis que converge e ratifica esse conceito a respeito da afetividade:

O amor é um conceito diverso, repleto de contrastes, antíteses, paradoxos e que o torna tão singular quanto complexo. (...) amor transcende qualquer ciência. Ele nasce, cresce e se multiplica, ocupando espaços maiores ou menores, mas sempre edificados com o que há de mais nobre no espírito e no coração do ser humano. (CHALITA, 2003, p.22)

Ações de aproximação são necessárias entre o professor e o aluno, a fim de se permitir novas descobertas, de desenvolver neles as metas e buscar de forma tolerante e compreensiva, desmitificar o medo e insegurança que o aluno tem, o professor então, deve contribuir para o

aluno desenvolver suas atividades com mais eficácia, valorizando-o e considerando os pontos negativos e encorajando-o em seus pontos positivos, assim esse afeto permitirá uma aproximação maior e ao mesmo tempo uma contribuição e engajamento do aluno em sala de aula diante do processo de ensino aprendizagem. Cury (2008) em seu livro “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes” expõe que o uso do método pedagógico de forma carinhosa pelo professor pode incitar não só a relação afetiva, como a demanda perceptiva, social do aluno de forma integradora.

Partindo dessa visão integradora do ser humano Mello, Sid, Conte (2017), acreditam que:

O educador poderá estimular a livre expressão do sentimento e as oportunidades formativas e sensíveis de seus educandos, prevenindo tensões, bloqueios de comunicação e apatia, que poderão se manifestar sobre a forma de distúrbio de comportamento e de aprendizagem. (MELLO, SIDI, CONTE, 2017, p. 6)

No processo de ensino por meio da afetividade o aluno é a parte principal do processo, observa-se que o professor deverá atribuir ao educando confiança, ações e motivações para que seja independente e busque seus resultados, de forma a evidenciar em sua vida por meio dos seus estímulos, emoção e afeto no qual ao desenvolver suas habilidades e conhecimento estará este, pronto e preparado para enfrentar a sociedade, sem o auxílio do professor ou mentor.

A este respeito Fonseca, Soares, Magalhães (2016), apontam que:

O professor é o responsável pela organização de estímulos no planejamento do ensino, bem como de selecionar as metodologias adequadas para o sucesso da aprendizagem discente. Caso o professor não estimule e motive seus alunos e não utilize metodologias diferenciadas é bem provável que alguns alunos sejam fadados ao fracasso escolar e social. (FONSECA; SOARES; MAGALHÃES, 2016, p. 179)

Wallon (1962, apud DANTAS, 1992, p.71) nos diz: “A educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento”. Em referência a Fernandez (1991) que defende em proeza o afeto como sentimento indispensável ao ensino-aprendizagem, assim este aprendizado está sendo movido pelo desejo e pela paixão, por isso, consegue-se visualizar essas condições de afetos que de certa maneira favorece e permiti uma aprendizagem mais fácil.

Diante de tal observação, pode-se considerar que a sensibilização, a afetividade e a humanização são elementos primordiais ao desenvolvimento de dialogo ao ensino-aprendizagem. De certa maneira Freire (2005) relata que:

[...] O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

A conversação em sala de aula na forma de debater os pontos que o professor coloca em evidência são importantes, pois admiti ao aluno discutir de forma participativa, consentindo também que os seus colegas possam participar e discutir sobre os vários temas que são postos em debate, sendo posto de forma afirmativa esta interação por meio da conversação ou seja do diálogo, Rodrigues, Martins, Albuquerque (2015, p. 7), compreendem que “o diálogo proporciona uma aproximação maior e conseqüentemente, uma construção de conhecimentos mais significativa. [...] e possibilita ao professor identificar melhor as dificuldades dos alunos em relação a um determinado conhecimento”, procurando de tal maneira estreita o afeto existente entre ambos.

Assim na busca do afeto é importante à sensibilização e a humanização para que o aluno possa compreender melhor aonde o professor pretende chegar com essa nova dinâmica, tornando o discente mais produtivo, motivado, consciente e tolerante as mudanças ocorridas em sala de aula, desta forma influenciando o aluno a ser uma pessoa mais afetiva.

Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, relata:

[...] preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 1996, p. 89).

As mudanças sobre o comportamento do aluno em sala de aula visam em uma transformação da educação dentro do seu espaço, valorizando o discente como peça principal desse palco no sentido de valorizar e motivar este enquanto participam do processo de ensino-aprendizagem.

Deve-se abandonar no passado o velho ambiente de absoluta submissão, medo e obscuro da desmotivação, perpetrando a existência de um novo local, bastante agradável e prazeroso, de um bem-estar admirável, conduzido agora através de diálogo, de arguição, questionamentos, criticidade construtiva, por meio de troca de opiniões, em busca da ciência e das descobertas. Lugar este que possa entrar e sair sentindo-se bem, onde se possa compartilhar um pouco da

sua vida, construir o futuro com os demais colegas de sala de aula e desenvolver seus conhecimentos de/ forma participativa, por meio do elo criado entre professor e aluno.

Para Piaget (1998) salienta em afirmar que o principal objetivo da educação está na formação de homens e que estes são possuidores de criar, inventar coisas inovadoras, não, e sob hipótese nenhuma o homem tornar-se-á mero repetidor, copiador de outros modelos pré-existentes. Enfim, deve-se formar homens corajosos a enfrentar tudo, criar, inventar e descobrir, bem como dele o poder de objurgar, subtrair, ponderar, ajuizar, tornar-se pessoa livre de conhecimento e pensamento.

A construção do saber do educando no seu tempo de crescimento e desenvolvimento intelectual, será fortalecido pela sua transformação de sua consciência adjunta a ciência psicológica, afetiva e social serão combinadas e reunidas durante o processo de formação, assim a sua autonomia será construtiva na busca das melhores ideias, da sua forma de agir e pensar, de definir seus objetivos e seus quereres, o propósito de mudar sua vida para melhor, através do alicerce educacional que obtém na escola participativa.

Segundo Leite (2012) ação de efetivação do seu pensar:

Estudos mostram que as relações entre o professor, o conteúdo escolar e o aluno são profundamente marcados pela afetividade, podendo gerar impactos de aproximação ou distanciamento entre o aluno e o conteúdo. Todas as atividades planejadas e desenvolvidas pelo professor possuem influências na afetividade e na aprendizagem dos alunos. A maneira que o professor apresenta o conteúdo em sua sala de aula pode afetar cada aluno de uma maneira particular, repercutindo de diversas formas na sua aprendizagem. Os mesmos esquecem-se da afetividade e muitas vezes se preocupam apenas com o conteúdo e com as metodologias, podendo criar marcas profundas (LEITE, 2012, p. 153).

Já o professor facilitador, procura estimular o aluno em sala de aula para que o mesmo possa participar das atividades de forma mais motivado e direcionado aos propósitos que o professor almeja.

Segundo Saltini (2003) ao afirmar que a emoção e as ligações afetivas fazem parte da inteligência afetiva, possibilitando o entendimento sobre o desenvolvimento da inteligência mesmo que não seja integrado naquilo que desperta interesse ao aluno ou mesmo prazer em realizar.

De acordo com Freire (1996):

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de interagir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na

dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico (FREIRE, 1996, p. 21).

Portanto, nesse processo de ensino-aprendizagem, todos que fazem parte da instituição de ensino, direto ou indiretamente fazem parte do processo de aprendizagem desta criança, por isso, é válido salientar a importância de que todos possa impor limites e demonstrar o respeito que o aluno deverá ter na escola, perante aos seus professores e profissionais que ali atuam, seguir as normas e regras que foram estabelecidas anteriormente. Porém, o professor é parte desta tarefa de mostrar ao aluno os seus compromissos nos quais eles “alunos” deveram compreender e serem envolvidos nas diretrizes tomadas pelo professor, haja visto que é necessário transparecer ao educando devidas cobranças para que o mesmo possa entender que todos são cobrados pelo processo de ensino-aprendizagem e que se mantenham satisfeitos e confiantes no seu dia-a-dia.

Contudo, Goleman (2011) grifa a obrigação de se colocar em prática o uso da inteligência emocional do aluno para que este saiba conduzir suas emoções e ocorrências de conflito e, na ordem de dificuldades, consiga se relacionar com seus pares e encontre situações criativas na resolução dos conflitos. Contribuindo para este pensamento Silva (2015, p. 16) nos chama a atenção para a importância da educação emocional, pois a reconhece como "um processo que possibilita o indivíduo a se conhecer e a partir desse conhecimento aprender a controlar as reações das emoções”, ou seja, educar-se emocionalmente nos possibilita uma melhor relação pessoal e social.

Quando os teóricos passaram a estudar a afetividade dos seres humanos, buscaram identificar os motivos nos quais os conceitos ficaram durante muito tempo, externamente e fora do ensino-aprendizagem, mesmo sabendo que existia uma grande necessidades dos professores trabalharem o afeto em sala de aula, porém, isto também foi observado pela psicologia tradicionais, onde recentemente sentiram essa demanda vinda de vários casos de atendimento junto a jovens e crianças que relataram tardio no ensino-aprendizagem, onde os pais buscaram diversas explicações e nem alguns psicólogos conseguiram descobrir o quê de fato ocasionava tais perdas de interesse pela escola.

No entanto, observou-se que essas ocorrências estão de certa forma ligada ou vinculada a percepções dualistas, onde o indivíduo está separado pela razão e emoção, isto já vindouro de suas raízes e com a clássica dualidade cartesiana, que se refere ao corpo e alma, já na modernidade, os afetos são dimensionados

Ao julga-se que este fato está ao menos parcialmente, vinculado ao predomínio secular da chamada concepção dualista, segundo a qual o homem é entendido como um ser cindido entre razão e emoção, cujas raízes vêm desde a Antiguidade, fortalecendo-se com a tradicional dualidade cartesiana entre corpo e alma, na Modernidade: os afetos, como parte da dimensão, a parte incorpórea do homem, com o espírito, ainda não há como serem objetos de estudos científicos.

Basta saber, pois o homem é um ser cindido entre razão e sentimentos, sendo assim, deve-se admitir que o homem é um indivíduo que ora pensa, ora sente, não existindo junções ou afinidades decisivas entre essas duas dimensões. Portanto, ao se deparar com a dificuldade típica, o pensamento dualista refere-se que o homem apresenta uma face que não é tocável sobre os conceitos da ciência, contudo, pode-se dizer em propósito que os estudos nessa abordagem nunca conseguirão elucidar o ser humano por inteiro.

Considerações Finais

Em resumo, parece que foi eleita como dimensão maior do ser humano, a razão, pois durante muitos séculos, pensadores tinham em si este tipo de concepção assumindo o dualismo. No entanto, davam sentido apenas a razão do homem. Já a emoção era considerada algo vago, vazio de ciência, colocavam-na ao lado ameaçador e nebuloso do ser humano, onde o mesmo estaria responsabilizando-se aos seus erros ou as suas mazelas, no qual, teria como domínio a razão sobre todas as coisas que o homem realiza-se ou deixasse de fazer e, até mesmo o controle e domínio da ;emoção, desta forma inibira a perda da razão.

No processo educativo o que se praticava era a aceitação do homem racional, esquecido de emoções que pudessem mudar sua personalidade. Neste sentido, a educação se voltou por muito tempo para uma maior valorização da racionalidade cognitiva, em detrimento de uma maior aplicação do afeto em sala de aula.

Herdamos uma ideologia racionalista. Fomos impelidos a nos centrarmos na razão, nos ensinamentos cognitivos, esquecendo assim da afetividade como meio de aprendizado essencial. É preciso que sejam desenvolvidas políticas públicas que dêem maior ênfase a conteúdos e atividades que levem em conta a afetividade. Este é, sem dúvida, um recurso interno que ajuda o aluno em seu desempenho relacional, nas diversas atividades escolares.

Referências

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ARANTES, E. **Ética e Cidadania**. Curitiba: Editora IFP, 2013.

CERISARA, A. B. **A produção acadêmica na área da educação infantil a partir da análise de pareceres sobre o Referencial Nacional da Educação Infantil**: primeiras aproximações. IN: Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios Editora Autores Associados / UFSC / UFSCAR / UNICAMP: Campinas, 1999.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CURY, A. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: sextante, 2008.

CHALITA, G. **Pedagogia do Amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo, 2003.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus.1992.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre 1991.

FONSECA, G. F; SOARES, M. A; MAGALHÃES, R. C. B. P. **Concepções de ensino e aprendizagem de alunos de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: um estudo exploratório**. Research, Society and Development, La Rioja, v.1, n. 2, p. 168-181, ago. 2016. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6070063>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, D. B. **Lembranças de Professores**. 2013. Disponível em:< <http://www.administradores.com.br/artigos/academico/lembrancas-de-professores-inesqueciveis/69514/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

GARCIA, R. A. G. **A Didática Magna**: uma obra precursora da pedagogia moderna? HISTEDBRA. Campinas, v. 14, n. 60, p. 313-323, dez. 2014. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640563/8122>> Acesso em: 28 ju. 2018.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

INCONTRI, D. **A Educação segundo o Espiritismo**. Editora Comenius, Bragança Paulista, São Paulo, 2008.

LEITE, S. A. S. **Afetividade nas práticas pedagógicas, Temas em Psicologia**. V.20, nº 2 Ribeiro Preto, 2012.

_____. **Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

LOPES, R. de C. S. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. 2003.

MELLO, C. E; SIDI, P. M; CONTE, E. **As Implicações Da Afetividade Na Aprendizagem Escolar**, 2017. Disponível em: < <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/as-implicacoes-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MENEGHETTI, A. **Nota sobre "afetividade" Manual de Ontopsicologia**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2004. ISBN 85-88381-12-5

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PRADO, N. L. **Afetividade como fator de qualidade na educação infantil: visão de professores**. 2013. 113 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília Faculdade de Educação. Brasília. 2013.

RODRIGUES, M. R. L; MARTINS, S. S; ALBUQUERQUE, T. C. C. **Interação Professor-Aluno nas séries iniciais: Experiência de Formação Inicial Através do PIBID**. In: I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca, 2015, Arapiraca. **Anais...** Arapiraca: UFA, 2015. P. 1-8. Disponível em: < <http://www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/viewFile/1958/1458>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

ROUSSEAU, J. E. **Da Educação**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 711p.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade Inteligência: a emoção na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

STACH-HAERTEL, B. U. **Afetividade, valores e referências morais: um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista**. 2017. 166 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1994.

●

Como citar este artigo (Formato ABNT):

FREITAS, Rosa Elzira Rodrigues Cavalcante; MIGUEL, Joelson Rodrigues. Afetividade: Uma discussão histórica e epistemológica. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 936-950. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 20/03/2019

Aceito 11/05/2019